

Poste Dilma inaugura o parlamentarismo de saias

claudio_tognolli

Claudio Tognolli

8 de abril de 2015



A presidente do Brasil Dilma Rousseff, no dia 18 de março de 2015, em Brasília

O poste no Planalto (apud Lula) sempre foi famosa por não saber negociar, por não ter jogo de cintura. Dilma se parece muito com aquela figura a que se referia Machado, o bruxo do Cosme Velho: “É incapaz de odiar, talvez não seja capaz de amar”.

Causa espanto dizer que Dilma é solarmente incapaz de odiar? Não. Absolutamente não. Dilma não sabe amar, nem odiar, porque geneticamente invocacionada para qualquer tipo de expressão.

Conheci muitos comunistas ortodoxos talhados nesse feitio. Confesso: eram pessoas boas de se lidar, esses postes. Jamais se mexeriam por algo que não fosse emanado de sua vontade mais íntima. Eram capazes de admitir serem levados até o mais atávico dos infernos desde que isso não

contrariasse suas vontades. Sempre foi bom lidar com comunistas expressamente confessos. Eram aquilo e ponto final. Tipo: você sabe o que esperar de um Bolsonaro, Conte Lopes, Telhada ou de Malufs da vida: são aquilo e ponto final.

Comunistas puro sangue são assim também. Quando não querem, não querem. E pronto. Não se fala mais nisso.

Óbvio que, daí, esse código de comportamento não faz bem ao animal político –afinal, notava o poeta E. E. Cummings, “Um político é uma bunda sobre a qual todo mundo sentou, menos ser humano. (in CUMMINGS, E. E. 1x1. New York: Harcourt-Brace, Jovanovich, 1944).

Dilma não é um animal político. Quando o Brasil ia aparentemente bem, ela podia se dar ao luxo de manter sua “puissance”, sua arrogância auto-referente.

Quebrado o país, Dilma teve de cogitar a adoção da arte de negociar. Coisa que comunistas puro-sangue sempre foram incapazes de fazer. Lula o fazia de bom grado. Sempre foi um internacionalista (digite nos sites de busca “Lula Stanley Gacek” e verá as ligações dele com a central pelega dos EUA, a AFL CIO).

Lula amava Henrique Meirelles, do Bank of Boston, porque este, CEO incomparável, sempre foi capaz de atrair capital estrangeiro ao Brasil.

Dilma afastou a grana gringa de nós. Volto à carga: Dilma é incapaz de negociar.

Quebrado o país, Dilma teve de aprender a fazer o que jamais soube ou optou por. Cheia de mágoas trinfais, e rancores idem, foi pedir o colo do PMDB. Queria que alguém fizesse o que não sabe fazer: o toma-lá-dá-cá do estado de direito básico de um animal político.

Dilma bem que tentou. Como Pepe Vargas (PT-RS) era um zero à esquerda como ministro das Relações Institucionais, Dilma foi pedir colo a quem não lhe deu: queria na vaga de Pepe o Padilha, deputado pemedebista gaúcho, ex-braço

direito de FHC, que lhe ocupou a pasta dos Transportes, de 1997 a 2001.

Dilma, masoquista, pediu de joelhos ao Padilha do PMDB: “Fica, fica, fica comigo na minha pasta, vai...”. O masoquista Padilha lhe respondeu, repoltronando-se como um cardeal: “Não fico naummmmmm, dona...”

As coisas ficariam piores. Com o fim da Secretaria de Relações Institucionais, e passagem de seu poder para o pemedebista Michel Temer, os petistas passaram a tremer dentro dos sapatos, desde a semana passada.

Afinal agora cabe a Temer o que a Secretaria de Relações Institucionais tinha de melhor: a relação com as prefeituras.

Vejam o que o PMDB fez: mandava na Congresso, na Câmara, e agora impôs tecnicamente a Dilma um sistema parlamentarista. E mais"agora negocia com as prefeituras.

O poste Dilma, com isso, inaugurou o parlamentarismo de saias.

O perigo ao PT não está só aí.

O PMDB agora comanda, via Temer, o que sempre soube fazer de melhor: a relação com prefeituras. É um dote velho dos pemedebistas.

Lembrem-se que Quércia foi quem inventou as frentes municipalistas. Elas fizeram do partido o mais forte do Brasil (Luiz Fernando de Souza, o Pezão, o mais novo arauto do municipalismo, vem de uma terra carioca de ninguém, obscuro município de Pirai).

O PMDB aprendeu a resistir a ditadura e a gerenciar o poder depois que ela acabou. Irrigou a democracia dominando nos bairros, nos rincões.

Lembre-se: o PMDB saiu das eleições de 2014 como o maior partido do país em Estados administrados. Dispõe

também do maior número de municípios e de parlamentares no Congresso Nacional; emplacou sete governadores, a maior quantidade entre as nove legendas que elegeram governantes no ano passado. Em 2012, lembre-se também, o PMDB fez o maior número de prefeitos (1.019 ao todo).

O PMDB dominou a superestrutura, a infraestrutura e , agora, a microestrutura.

A arrogância e plenipotência de Dilma fizeram algo de bom pelo país: inauguraram o parlamentarismo de saias.

O PMDB agradece. O brasileiro, nem tanto: ou haverá alguém que confie em Cunha, Renan et caterva?

Leia também:

<https://br.noticias.yahoo.com/blogs/claudio-tognolli/tudo-como-dantes-clas-politicos-seguem-dominando-153850136.html>

<https://br.noticias.yahoo.com/blogs/claudio-tognolli/pmdb-e-o-medico-de-familia-politico-de-que-o-pais-230947711.html>